

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**HONORATO VICENTE DE LIMA SOBRINHO**

**VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE AREIA BRANCA:  
O processo de formação da comunidade de Areia Branca, e sua contribuição para a  
emancipação política da cidade de Alagoinha do Piauí, no período das décadas de 1940 à  
2000**

**PICOS-PI  
2018**

**HONORATO VICENTE DE LIMA SOBRINHO**

**VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE AREIA BRANCA:**

**O processo de formação da comunidade de Areia Branca, e sua contribuição para a emancipação política da cidade de Alagoinha do Piauí, no período das décadas de 1940 à 2000**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em História.

Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

**PICOS-PI  
2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**L732v**Lima Sobrinho, Honorato Vicente de

Vestígios históricos da comunidade Areia Branca: O processo de formação da comunidade de Areia Branca, e sua contribuição para a emancipação política da cidade de Alagoinha do Piauí, no período das décadas de 1940 à 2000 / Honorato Vicente de Lima Sobrinho. – 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (44 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos

1. Areia Branca-Comunidade-Piauí. 2. Alagoinha do Piauí- História e Memória. 3. Práticas Cotidianas. I. Título.

**CDD 307.72**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

#### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e seis (26) dias do mês de junho de 2018, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **HONORATO VICENTE DE LIMA SOBRINHO** sob o título **VESTÍGIOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE AREIA BRANCA: O processo de formação da comunidade de Areia Branca, e sua contribuição para a emancipação política da cidade de Alagoinha do Piauí, no período das décadas de 1940 à 2000.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 2: Prof. Ms. Heitor Matos da Silva

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI), 26 de junho de 2018.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 2: Heitor Matos da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao grande Deus, minha força e proteção, que me deu força e coragem, para enfrentar todas as dificuldades durante o curso e na vida.

Agradeço também a todos os docentes que tiveram em sala de aula nos capacitando para atuar na carreira docente.

A meu orientador Professor Doutor Raimundo Nonato Lima dos Santos, pela paciência, compreensão e valorosa orientação.

Sem deixar de falar de minha família, principalmente, aos meus pais, irmãos, primos, por ter calma nos momentos de estresse.

Aos meus amigos que me ajudaram a superar meus medos e ansiedade, enfim, a todos aqueles que contribuíram para conclusão desse trabalho.

## RESUMO

O trabalho analisa a formação da comunidade Areia Branca, localizada no município de Alagoinha do Piauí e, sua contribuição para a emancipação política dessa cidade, no período das décadas de 1940 a 2000. O estudo tem por base fontes orais, imagéticas e escritas. A análise dos documentos seguiu as reflexões de Thania Brandão (1995), Raquel Rolnik (1995), e Alcebíades Costa Filho (2006). Conclui-se, portanto, que a comunidade de Areia Branca contribuiu de forma significativa para a emancipação política do município de Alagoinha do Piauí, pois, conforme a pesquisa realizada se constatou que a mesma foi à primeira localidade a ser habitada naquela região. Também vale destacar o esforço dos habitantes da referida localidade nos aspectos: religiosos, culturais, sociais e econômicos, aliado a luta de representantes comunitários, tudo isso impulsionou de forma direta no desenvolvimento do referido município.

**Palavras-chave:** Areia Branca. Alagoinha do Piauí. História e Memória. Práticas cotidianas.

## **ABSTRACT**

The paper analyzes the formation of the AreiaBranca community, located in the city of Alagoinha do Piauí, and its contribution to the political emancipation of this city, from the 1940s to the 2000s. The study is based on oral, imagery and written sources. The analysis of the documents followed the reflections of ThaniaBrandão (1995), Raquel Rolnik (1995), and Alcebíades Costa Filho (2006). It is concluded, therefore, that the community of AreiaBranca contributed in a significant way to the political emancipation of the municipality of Alagoinha do Piauí, because, according to the research, it was verified that it was the first locality to be inhabited in that region. It is also worth highlighting the efforts of the inhabitants of this locality in the aspects: religious, cultural, social and economic, together with the struggle of community representatives, all this directly stimulated the development of said municipality.

**Keywords:** White Sand.AlagoinhadoPiauí. History and Memory. Daily practices.

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1.</b> Relação dos proprietários de terras e suas respectivas posses no século XIX na região que hoje compreende o município de Alagoinha do Piauí. ....	16
<b>TABELA 2.</b> Resultado do plebiscito para emancipação política de Alagoinha. ....	32



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa localização de Areia Branca.....	15
Figura 2: Título de eleitor de Eusébio Antônio de Brito, nascido no ano de 1891. ....	19
Figura 3. Cacimba velha de Areia Branca. ....	21
Figura 4. Foto panorâmica do local da cacimba velha. ....	22
Figura 5. Na foto a primeira imagem de São João Batista.. ....	23
Figura 6. Primeira fachada da Igreja de São João Batista. ....	24
Figura 7. Na foto a construção do colégio de Areia Branca, 1977.....	27
Figura 8. Unidade Escolar Caetano Abel de Carvalho, atualmente. ....	28
Figura 9. Primeiro culto protestante realizado em Areia Branca, 1987. ....	29
Figura 10. Foto No Chafariz de Areia Branca, 1980.....	30
Figura 11: Escadaria de acesso à Cacimba Velha, na localidade piauiense de Areia Branca, município de Alagoinha, em março de 2016.....	37
Figura 12: Visão parcial da Comunidade Areia Branca, na atualidade, em 22 de março de 2018. ....	38
Figura 13: Moradores da Comunidade Areia Branca em frente a duas casas comerciais, daquela localidade, na década de 1980.....	39
Figura 14: A Figueira da Comunidade Areia Branca, na década de 1990. ....	40
Figura 15: A Figueira da Comunidade Areia Branca, em 2018. ....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.</b> ....	<b>10</b>
<b>2 AREIA BRANCA UMA TERRA DE HISTÓRIAS.</b> .....	<b>14</b>
<b>2.1 Genealogias das primeiras famílias de Areia Branca</b> .....	<b>16</b>
<b>2.2. O Cotidiano de Areia Branca.</b> .....	<b>21</b>
<b>2.3 Festejos de São João Batista: Fé e tradições</b> .....	<b>21</b>
<b>2.4 Areia Branca nos anos 1980</b> .....	<b>25</b>
<b>3. AREIA BRANCA E SEU PROCESSO DE DESPOVOAMENTO DE 1960 A 2000...</b>	<b>30</b>
<b>3.1 O motivo do despovoamento</b> .....	<b>31</b>
<b>3.2 Emancipação política de Alagoinha do Piauí</b> .....	<b>31</b>
<b>4 OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DE AREIA BRANCA E SUAS MEMÓRIAS.</b>	<b>34</b>
<b>4.1 A Cacimba Velha: trabalho e lazer</b> .....	<b>35</b>
<b>4.2 Coisas de menina: eu e a figueira.</b> .....	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b> .....	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.</b> .....	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica. (FREITAS, 2006, p. 49).

A localidade de Areia Branca pertence hoje, ao município de Alagoinha do Piauí. Antes pertenceu à cidade de Pio IX. Mas por algum tempo pertenceu à cidade de Fronteiras, pois, Pio IX perdeu sua autonomia política por algum tempo. Só em 1986 com a emancipação política de Alagoinha, a localidade ficou dentro do território da cidade mencionada, passando a ser a maior localidade política daquela cidade em número de habitantes e eleitores com grande participação na cultura, na política - administrativa e nos movimentos sociais.

A pesquisa problematiza porque essa comunidade de Areia Branca, atualmente é quase desabitada, já que no passado foi um núcleo significativo de povoamento. Além disso, o trabalho aborda especificamente o auge de sua população nas décadas de 1940 a 1950 e seu despovoamento nos anos 1960 a 2000. O estudo não tem como foco aprofundar na história da urbanização e emancipação política de Alagoinha do Piauí, como trata no trabalho da historiadora Lucimar Rocha (2013) *Caminhadas pela cidade: um passeio pelo processo de povoamento, Urbanização e emancipação política de Alagoinha do Piauí*, que contempla o povoamento da mesma. Nem ressaltar a história da educação do município, como no trabalho da historiadora Bibiana Rocha (2014), *Educação e sociedade em Alagoinha do Piauí na década de 1980-2014*.

O presente estudo tem como objetivo geral de analisar o processo de formação da comunidade de Areia Branca e sua contribuição para a emancipação política da cidade de Alagoinha do Piauí, no período de 1940 a 2000. Aborda também seu processo de despovoamento e suas práticas econômicas e religiosas.

O trabalho se fundamenta em depoimentos orais, fonte essencial para essa pesquisa histórica, pois era necessária para, falar de uma comunidade com poucos recursos escritos, em autores e livros que abordam a história da colonização do Piauí, bem como seus costumes e práticas.

Quatro habitantes foram entrevistados como fonte oral. A seleção dos depoentes obedeceu ao seguinte critério: pessoas que viveram em diferentes épocas, na localidade Areia Branca. A intenção é destacar alguns dos períodos que serão analisados neste trabalho, desde a formação da localidade, seus costumes e práticas dos anos seguintes, seu processo de

despovoamento e, a participação da comunidade na emancipação política, de Alagoinha do Piauí.

O primeiro entrevistado, o senhor José Justino de Brito, de 91 anos de idade, agricultor, foi um antigo morador da localidade que falou da formação da mesma.

O segundo entrevistado, foi o senhor Pedro Arsênio de Brito, de 84 anos de idade, agricultor, sindicalista e político. O mesmo destacou um pouco dos costumes e práticas da década de 1940 a 1960, e um pouco da participação política da mesma.

A terceira entrevistada foi à agricultora, poetisa e militante de movimentos sociais, Maria Assunção da Rocha de 43 anos, que até hoje mora na localidade. Uma das poucas pessoas que ainda residem neste local. A mesma relatou a participação da localidade nos movimentos sociais, as lembranças dos grandes eventos dos anos 1980, principalmente da Igreja Católica e o surgimento de outras religiões nessa época. Onde inúmeras pessoas aderiram à nova fé, e enfatizou também o processo de despovoamento da localidade que vem acontecendo até os dias atuais.

Por último, para falar da participação política da comunidade na formação do novo município em 1986, foi escolhido para ser entrevistada a professora, poetisa e militante de movimentos da Igreja, Fidélia Rocha de 64 anos. A mesma não nasceu na localidade, mais possui conhecimentos importantes sobre a história da comunidade.

Também foram usadas muitas fotos antigas da localidade principalmente dos anos 1970 e 1980. Tais fotos foram cedidas por conterrâneos, que hoje residem em outros estados. Por isso ouve grande dificuldade em encontrar fotos da localidade, já que nessa época era muito difícil alguém dispor de máquinas fotográficas.

Essas fotos retratam o cotidiano, comércios e casas antigos, sendo importante para compreensão dos fatos. O material foi cedido pela economista e conterrânea, Alaíde Claudina de Carvalho Rego, que reside em São Paulo, Edileusa Conceição Carvalho Sousa, professora e bacharel em direito, e pelo primeiro pastor evangélico da cidade, Antônio Manoel de Sousa, que reside em Vilhena- Rondônia.

---

<sup>1</sup>José Justino de Brito é um antigo morador da localidade de Areia Branca, atualmente é trabalhador rural aposentado e tem 92 anos de idade.

<sup>1</sup>Pedro Arsênio de Brito outro antigo morador da referida localidade, ex-sindicalista e político, atualmente aposentado.

<sup>1</sup>Maria Assunção da Rocha reside até hoje na localidade em estudo, poetisa, ex-sindicalista e líder comunitária.

<sup>1</sup>Maria Fidélia da Rocha Brito é professora aposentada da rede estadual e municipal de educação, poetisa, escritora e líder comunitária.

<sup>1</sup>Edileusa Conceição de Carvalho Sousa é uma antiga moradora da localidade de Areia Branca. Ela é Bacharel em Direito e, atualmente, atua como professora da rede estadual de ensino da cidade de Vilhena, no estado de Rondônia. Ela guarda em suas memórias as lembranças de sua infância nessa comunidade. Seus relatos são de

grande importância, para a construção desse trabalho, principalmente pela narração dos fatos riquíssimos em detalhes.

As demais fotos e fontes foram encontradas na academia de letras de Alagoinha do Piauí (ALAPI). Apesar da dificuldade em encontrar documentação escrita, em cartórios e paróquias, sobre essa localidade, também foram analisados documentos antigos, encontrados em arquivos pessoais. Essa dificuldade ocorreu por essa região em estudo ficarem muito distante de locais, como cartórios e paróquias o que causaram mais empecilhos para encontrar tais fontes. Mesmo assim, foi possível utilizar alguns documentos, nos livros mais antigos da Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio em Pio-IX - Piauí. Tais documentos são datados do início do século XX do ano de 1910.

As primeiras certidões dos livros são de pessoas nascidas na localidade em pesquisa. Portanto, vale ressaltar, que quando a procura desses documentos já ia a mãos, os nomes de pessoas da localidade só foram descobertos por meio de fonte oral.

Também foi possível encontrar documentos como certidão de casamento, em arquivos pessoais de pessoas que guardaram e preservaram documentos de seus antepassados. Em alguns desses documentos já constam o local de nascimento e data. Como será destacado no decorrer do trabalho, o percurso histórico dessa localidade.

Foi de grande relevância a obra de Alcebíades Costa Filho (2006), *Atividades econômicas e sociedade*. Para discutirmos a economia agropecuária do nordeste brasileiro: Percebemos que o milho, o feijão, a mandioca, a pecuária e a agricultura de subsistência, movimentavam não apenas a economia da comunidade Areia Branca, mas de todo o Piauí.

Thania Brandão (1996), em sua obra *A elite colonial*, vem destacar, as transformações nas práticas econômicas, que o Piauí passou, principalmente, após o enfraquecimento da pecuária, e o surgimento de novos produtos a serem cultivados. Como na localidade estudada também, sofreu com a distância da área exportadora, o litoral, passaram a plantar outros produtos como o algodão dessa forma, a leitura foi de grande valia para a produção desse trabalho.

A autora Raquel Rolnik (1995), em seu livro *O que é cidade*. Foi de grande importância, pois, destaca que a água, as feiras são como um ímã, para atrair moradores. A água foi um dos grandes motivos, para que a comunidade em estudo atraísse pessoas para se instalar no local. A autora aborda também a relação, entre as pessoas e os espaços, isto é, as memórias, construções, fatos, revelam as histórias e vivências das pessoas que habitam ou visitam tais espaços.

Muitos portugueses que moravam na Bahia e no Ceará entraram em território piauiense nesses séculos em busca de terras abundantes de água. Esses antigos moradores de

Areia Branca deixaram para a cidade de Alagoinha do Piauí e outras localidades que habitam, como também para seus descendentes, o legado de diversos costumes, que são, em boa parte dessas tradições religiosas e danças, as quais fazem parte do folclore e práticas culturais existentes até hoje.

O trabalho foi organizado da seguinte forma, No primeiro capítulo discute a história de formação da localidade, suas primeiras famílias e formas de sobrevivência, destacando as práticas econômicas e sociais. Em seguida, realizamos uma análise das décadas de 1940 a 1960 onde houve o grande auge de povoação da localidade. Essa parte faz uso principalmente da fonte oral, por meio de entrevistas com moradores antigos da referida localidade e o uso de algumas fontes documentais. Vamos destacar as práticas religiosas, as danças, os movimentos sociais. Ou seja, vamos fazer um passeio pelas tradições e costumes da localidade.

No segundo capítulo, daremos ênfase ao processo de despovoamento da localidade Areia Branca por causa da migração dos seus moradores para outras regiões vizinhas, o surgimento de novas localidades e as causas dessa migração. E para finalizar o trabalho, discutimos a participação da localidade no processo de emancipação política de Alagoinha do Piauí. E em demais atividades sociais.

No terceiro capítulo, serão mostrados os principais espaços de sociabilidade de Areia Branca, utilizando memórias e fotos da localidade em estudo, tais materiais colhidos e cedidos por antigos moradores da comunidade, essas fatos usadas como fonte tem, grande importância para a compreensão, das mudanças que ocorreu nesses espaços.

O trabalho foi muito proveitoso, apesar das dificuldades de encontrar fontes, mais com esforço e ajuda de pessoas que preservam a história do passado ao presente, foi possível, desenvolver o trabalho e adquirir muita aprendizagem, através das entrevistas, relatos e o contato com fontes antigas.

## 2AREIA BRANCA UMA TERRA DE HISTÓRIAS

As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca a boca. Pais para filhos, mães Para filhas, avós para netos; os anciãos do lugar para a geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos Ávidos; todo o seu modo, contam sobre acontecimentos do passado. (FREITAS, 2006, p. 19).

Segundo Adão Das Chagas Brito, morador antigo da localidade, político, comerciante e “historiador” leigo, o português João Raimundo da Silva foi o primeiro morador daquela localidade, e chegaram a esse local no final do século XVIII, em meados de 1792, trazia um escravo, e dois filhos (ROCHA, 2014, p. 24).

Esses mesmos dados foram relatados por outros depoentes, dos quais citaremos o senhor José Justino de Brito que em sua entrevista fez menção ao senhor João Raimundo da Silva, também cita o mesmo como sendo o primeiro morador do local no final do século XVIII, destacou ainda que ele era português e havia saído da Bahia e adentrado ao sertão em busca de terras para criação de gado, rebanhos de animais. Além disso, trazia consigo um escravo e uma pequena imagem de São João Batista, pois, para ele a imagem o protegia dos perigos do sertão. Esse relato é o mais considerado pelas pessoas, sendo que há algumas controvérsias, pois se trata de fontes orais, passada de geração a geração. O depoente também destaca o nome de dois filhos: Margarida e Clementino.

Ainda segundo José Justino e a depoente Maria Assunção, João Raimundo da Silva andou pelos rastros dos animais mata adentro até chegar há uma praia de areias brancas, por isso o nome. Também encontrou um olho de água e muitas plantas como macambira. Logo que chegou, o que ele primeiro se preocupou em cuidar foi do olho d’água, onde plantou um pé de coco, depois subiu a um dos altos de “Areia”, pois, era inúmera ali, a direção do poente foi sua opção, construiu sua tapera (casa de barro e palha), ali ficou morando sozinho, se alimentando da casca da macambira e do mel, e bebendo daquela água abundante, ali. Além da água abundante, macambira e outras plantas cobriam o chão, a caça o mel também fartos, toda essa riqueza fez com que o velho colono optasse por ali ficar, nesse lugar de areias, nome dado ao lugar e que permanece até hoje. O local era muito propício para criação de gado.

Como é bem destacada na obra de Alcebiades Costa Filho (2006), *Atividade econômica e sociedade*. A atividade pastoril, e a agricultura agrícola foram fontes de renda como, milho e algodão, essas práticas realizadas em Areia Branca. Essas formas de agricultura bem abordada na obra eram realizadas para produção familiar. As técnicas rudimentares como o arado, ferramenta muito usada na localidade.

Todas essas formas de sobrevivência do sertão têm relação com, a história da localidade de Areia Branca, foi causada pela busca de terras férteis para a criação de animais e práticas agrícolas. Era o que muitos que vinham para o Brasil buscavam.

Segundo o depoimento de Maria Assunção da Rocha, com a busca de terras melhores para o cultivo, os moradores descobriram a serra, lugar de terras macias e plantas. Lá também se plantava milho, feijão e mandioca, para o consumo e para a venda extraíam o leite da mandioca. A Mandioca era consumida através do rolo, para tirar a massa e depois fazer o beiju, e assim iam se sustentando, trabalhando num sistema comunitário.

Nessa época de 1940 não existia demarcação de terras, pois em pesquisa em cartório a demarcação só ocorreu a partir de 1950. Os netos do primeiro morador, João Raimundo então começaram a explorar, ou seja, a cultivar toda a região. Saíam de Areia Branca e exploravam um pedaço de terra, plantavam esse ano e no outro seguinte iam adiante da BR 316.

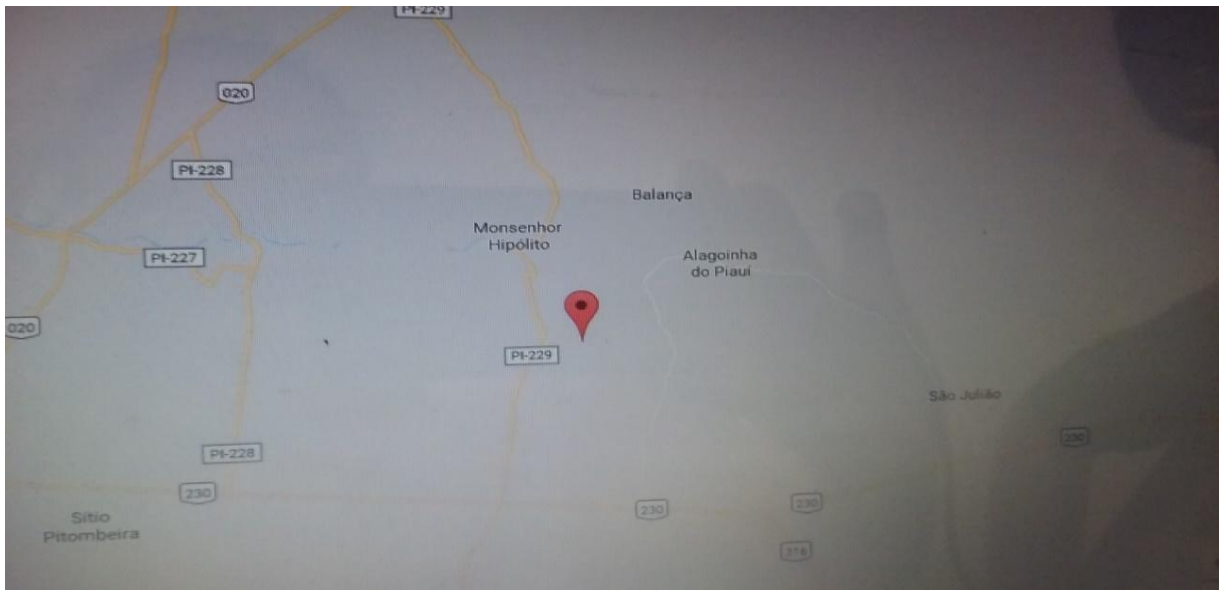


Figura 1: Mapa localização de Areia Branca

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Areia+Branca,+Alagoinha+do+Piau%C3%AD>

Com a instalação de cada família numa dessas serras não dava mais para trabalhar todos juntos. Cada família, ou seja, os irmãos, cunhados, sogro, genro, começavam a inventar novas formas de trabalho. Aumentaram o plantio da mandioca e começaram a construir casas de farinha em todas as serras, inventaram de trabalhar a mandioca com uma roda puxada por homens depois por boi (a roda era chamada de bolandeira), isso era feito para rolar a massa que lavada para coar a goma e depois de empresada torrada no forno.

Com todas essas invenções a vida ia se tornando mais fácil. E, a cada ano, plantavam a mandioca e no ano seguinte, pelo mês de julho a festa começava em todas as serras. Era assim: toda a família subia para a “desmancha” (período que as pessoas se reuniam para



transformar a *mandioca* em farinha e goma), os homens arrancavam a mandioca, as mulheres raspavam e lavavam, os homens ralavam e prensavam e torrava a massa no forno.

Na serra não tinha água. Então, todo consumo era feito de Areia Branca da cacimba velha, para todas as serras. O transporte da água era feito em animais, em “ancas” (um tipo de reservatório de carregar água em animais). Quem tinha muito, levava muito, quem tinha pouco, levava pouco. Era sofrido, tinha que sair da serra pela manhã, sabendo que chegando lá já tinha outras pessoas buscando água, raspando o fundo de pedras com uma “cuia” (utensílio de pegar água). Podemos perceber, através das fontes de pesquisa, que os moradores da comunidade de Areia Branca tiveram como modo de subsistência, a pecuária, com a criação de gado e, também, a agricultura familiar, baseada na plantação de feijão. Conforme as considerações de Brandão (1995) essas práticas agropecuárias ocorriam desde o período colonial brasileiro.

A pecuária serviu de base à ocupação de uma extensa área em rápido espaço de tempo com reduzido número de pessoas. A forma como se processou a penetração deste setor da economia colonial garantiu o caráter patrimonialista e mercantilista da colonização portuguesa na área do sertão. No Piauí, além do criatório de gado, também se desenvolveu a agricultura até a fase colonial, esta atividade teve caráter de subsistência, empregava técnicas bastante rudimentares. (BRANDÃO, 1995, p. 37,44.)

Mas, como é relatado na citação acima, esse tipo de produção tinha grandes dificuldades e perdia espaço para outras formas de produção, principalmente, por causa da falta de instrumentos agrícolas. Foi o que houve na localidade em estudo, a descoberta de novas ferramentas de trabalho como o arado, por exemplo, facilitou o trabalho rural, porém, antes da existência desses artefatos, o trabalho era muito mais difícil.

A tabela abaixo (tabela 01) destaca uma casa, um curral, uma cacimba e três roças, localizadas em Areia Branca, a propriedade é do final do século XIX. Essa fonte está inserida na Monografia da professora Lucimar Rocha, e foi encontrada no Arquivo Público do Piauí. O documento mostra que nessa época já havia moradores na localidade. Mas como foi abordada no início do trabalho, segundo os entrevistados, a localidade foi habitada muito antes disso

**TABELA 1. Relação do proprietário de terras e suas respectivas posses no século XIX na localidade Areia Branca, que hoje compreende o município de Alagoinha do Piauí.**

Proprietário	Localidade	Localidade	Propriedades	Ano
Pedro Francisco de Brito	Pedras	Areia Branca	1 casa, 1 curral 1 cacimba e 3 roças	1873

Fonte: (ROCHA, L, 2014, p. 27)

No entanto, como já foi dito não havia possibilidade na época dos primeiros moradores fazer registros, principalmente, porque a localidade ficava no meio do sertão e muito distante da capital ou outros pontos de referência.

Essa tabela mostra terras e cita a cacimba velha de Areia Branca, como é conhecida. Essa cacimba velha foi bem esplanada no início do trabalho como o grande imã, que possibilitou fixar os primeiros moradores da localidade. E serviu por mais de 100 anos para o abastecimento de água para as casas de farinhas, animais, e até consumo humano.

Ressaltamos ainda que os depoentes lembram-se da cacimba com grande apreço, já que esse local também era considerado o ponto de referência, onde se localizava os comércios e açougue, onde as pessoas se reuniam para conversar e aconteciam os eventos políticos. Esses pontos serão destacados nas próximas páginas.

## **2.1 Genealogias das primeiras famílias de Areia Branca**

Como visto no tópico acima, Areia Branca teve como primeiro morador o colono João Raimundo da Silva. Com ele, além da imagem de São João Batista, trazia dois filhos, com o nome de Margarida Maria da Conceição e Clementino João da Silva. Depois teria chegado o senhor José Dias de Medeiros. Segundo o depoimento do senhor José Justino, a filha Margarida casou-se com Pedro Francisco de Brito por volta de 1860, um jovem caçador que morava em São Julião, e que encontrou nesse local abundância de água e plantas. Tiveram dez filhos, de onde surge a geração da família Brito. Com o passar dos anos Areia Branca cresceu e tornou-se uma pequena vila, foi povoada estendeu-se sertão adentro, contribuiu para formação de outras localidades. A família Brito expandiu-se ao casar-se com outras pouquíssimas famílias que habitavam na região do centro sul do Piauí.

José Dias de Medeiros também deixou uma grande descendência da família Medeiros, todavia alguns não ficaram na localidade. Por meio de depoimentos orais e um documento encontrado na Paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, de um casamento realizado em 1910, foi possível fazer uma pequena árvore genealógica, dos descendentes dos primeiros moradores de Areia Branca.

Não foi encontrado documento de sesmaria em nome de João Raimundo da Silva, que segundo os entrevistados teria sido o primeiro morador da localidade, apenas terras e uma cacimba no nome de Pedro Francisco de Brito, talvez motivo do mesmo não ter feito, e nem adquirido essas terras como sesmaria.

Certidão de casamento civil, de Antônio Barros da Rocha e Josina Libânia de Jesus, realizado em 04 de setembro de 1937.

### **CERTIFICADO DE CASAMENTO CIVIL**

CERTIFICO que, sob o n.º 38, do livro nº 26, de registro de casamento, verifique constar que no dia 04 de setembro de 1937, foi feito o casamento de Antônio de Barros Rocha e Josina Libânia de Jesus, contraído perante o juiz Euclides Gomes de Alencar as testemunhas: Miguel Arraes Filho e Ursulino José de Brito.

Ele, nascido em Pedras, deste município de Pio-IX, Estado do Piauí, aos dias 05 de Janeiro de 1908, profissão lavrador, domiciliado em Areia Branca, Pio-IX, e residente em Areia Branca Pio-IX, Piauí, filho de Joaquim de Barros da Rocha e de Cecília Maria de Jesus.

Ela, nascida em Areia Branca, deste município de Pio-IX, Estado do Piauí, aos diasXXXXX..... De 1909, profissão domesticado, domiciliada em Areia Branca Pio-IX, e residente em Areia Branca, Pio-IX, filha de Antônio Pedro de Brito e Libânia Maria de Carvalho.

A qual passou assinar-se com o mesmo nome foram apresentados os documentos a que se refere o art. 180 n.º I II E IV do código civil brasileiro – observações. Nada há ressaltar.

(Fonte: Arquivo pessoal de Maria Assunção da Rocha.)

O documento em análise trata-se de uma certidão de casamento civil, de Antônio Barros da Rocha e Josina Libânia de Jesus, casamento realizado em 04 de setembro de 1937. Esse matrimônio foi realizado na comarca de Pio-IX. Pode ser visto nos autos do documento, a data de nascimento e local de um dos cônjuges, na qual consta nascida em Areia Branca, no início do século XX, especificamente no ano de 1909. A data mostra um registro muito antigo, comprovando que a localidade foi realmente habitada no começo do século XX. No decorrer deste trabalho serão utilizadas fontes em cartórios e paróquias, bem mais antigas.



Figura 2. Título de eleitor de Eusébio Antônio de Brito, nascido no ano de 1891.  
Fonte: Arquivo pessoal de Júlio Antônio da Rocha.

Nesse outro documento, um título de eleitor, mais esse em estudo foi encontrado também em arquivo pessoal, de Júlio Antônio da Rocha, se refere a um documento de eleitor feito em 1962. Esse documento consta também como informação da data de nascimento do senhor Eusébio Antônio de Brito, nascido no ano de 1891.

Outro ponto interessante é que o documento em análise deixa visível que esse senhor já obteve seu título com idade avançada. Já que o mesmo nasceu em 1891, mas só se tornou apto a votar em 1962. Esse fato pode nos levar a crer que nessa época, não havia grande interesse em tornar-se eleitor. Mas isso variava nessa comunidade, pois em documentos, que serão estudados mais a frente, mostram pessoas dessa localidade aptas a votar muito antes dos anos 1960.

Mas uma certidão de casamento de 1910, encontrada na paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, do Senhor Aniceto Francisco de Brito é citado o nome de seu pai Pedro Francisco de Brito e sua mãe Margarida Maria da Conceição, citada por entrevistadores como filha do colono português, João Raimundo da Silva.

### CASAMENTO RELIGIOSO

Eu Padre Miguel, aos onze de setembro de mil novecentos e dez, na capela de São Julião, em minha presença e testemunhas, João Pedro de Brito e Laudelina Borges da Silva, recebem em matrimônio, Aniseto Francisco de Brito e Margarida Claudina da Conceição, ele filho legítimo, de Pedro Francisco de Brito e Margarida

Maria da Conceição, ela de Gabriel Francisco de Brito e Claudina Maria da Conceição.

Onze de setembro de mil novecentos e dez, capela de São Julião, freguesia de Pio IX.

(Fonte: Arquivo de Livro Ata da paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, Pio IX-Piauí)

Certidão de casamento religioso realizado em 1910.

(Fonte: Arquivo de Livro Ata da paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, Pio IX-Piauí.)

Esse outro documento em análise, já foi encontrado no livro ata de casamento religioso, da paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, Pio-IX. Evento este realizado em 11 de setembro de 1910, tendo como cônjuge Aniceto Francisco de Brito e Margarida Claudina da Conceição. No documento podemos analisar que ainda usavam o termo de freguesia, que era a sede de uma administração. Infelizmente no documento deixa a desejar a falta de informação por meio da freguesia, pois só cita o local de casamento e data, nomes dos cônjuges, pais dos mesmos e padrinhos. Mas não cita a data de nascimento dos mesmos e nem o local.

Mas por outro lado, o documento nos mostra uma grande riqueza de detalhes, pois o referido documento consta: os pais dos cônjuges foram confirmados um relato por via oral que esse casal se tratava de uma união entre um tio e uma sobrinha. Se formos ler a referida fonte, percebe-se, que o noivo Aniceto Francisco de Brito era irmão do pai da noiva, o senhor Gabriel Francisco de Brito. O documento retrata um dos costumes da época, o que nos chama atenção é o fato de nessa época acontecer um evento dessa natureza, um casamento entre tio e sobrinha.

Em pleno século XXI, no mundo tão moderno e com tantos avanços no contexto familiar, esse tipo de união ainda é visto como fora do padrão convencional, isto, nos leva a refletir que tais práticas se tornaram frequentes, principalmente entre primos, na localidade pesquisada ao longo do tempo, devido os mesmos pertencerem a mesma família.

As pessoas das comunidades vizinhas a retornar à Areia Branca, como de costume se reuniam ao redor da “cacimba velha”, alguns para conversarem, outros para lavarem roupas nas proximidades, também era fonte de água para subsistência pessoal, sendo ao mesmo tempo um espaço de sociabilidade.

## 2.2. O Cotidiano de Areia Branca



Figura 3. Cacimba velha de Areia Branca.  
Fonte: Arquivo pessoal Edine Edite de Brito

As pessoas da comunidade se deslocavam para esse local, enquanto os adultos e jovens conversavam as, sobre o dia-a-dia, crianças brincavam. Além disso, neste ambiente também aconteciam os eventos políticos, as pessoas desenvolviam as composições e cantavam, pois, na época não existia carros de som na localidade. Nos dias atuais, apesar da localidade está quase desabitada, ainda é de costume realizar o último evento político da cidade de Alagoinha do Piauí no referido espaço.





Figura 4. Foto panorâmica do local da cacimba velha.  
Fonte: Arquivo Pessoal de Edine Edite de Brito.

Além da cacimba, outro espaço de sociabilidade, era os “terreiros” das casas (local aberto) geralmente na frente ou nos fundos das mesmas, pois na época as famílias eram bastante numerosas, isto é, cada casal tinha em média 10 á 13 filhos, por esse motivo desde as décadas de 40 e 60, Areia Branca já possuía uma quantidade de famílias bastante significativa, favorecendo uma participação em massa nas novenas em honra aos Santos.

### **2.3 Festejos de São João Batista: Fé e tradições**

No depoimento do senhor Pedro Arsênio de Brito, os festejos em honra aos santos eram realizados costumeiramente na localidade Areia Brancos. Os primeiros moradores celebravam alguns santos, sendo eles: Santo Antônio, São Pedro, São Sebastião e São José. Cada santo tinha sua festa organizada respectivamente por Antônio Pedro e Libânia, também por Pedro Gabriel, Ursulino, Rosenda Eugênia. Todas essas novenas, como eram chamadas, esses ritos religiosos no catolicismo eram realizados nas casas, nas quais se reunia a comunidade local.

O depoente cita as festividades, que eram realizadas nas casas dos moradores, porém o mesmo enfatiza o festejo a São João Batista, como o mais popular de todos. Da mesma forma, foi o referido festejo citado pela depoente Maria Assunção da Rocha. Assim, percebe-se que, a localidade mantinha muitas festividades, por todo o ano, e que não havia templos religiosos, mas era uma religião popular e, além da fé é visível que essas festividades serviam como, uma forma de sociabilidade e, ao mesmo tempo, de diversão.

O padroeiro mais festejado da localidade, São João Batista, era celebrado em junho na casa de Izabel Pereira e Joaquim Pereira de Alencar. A primeira novena teria acontecido em 1876 e nos anos 1930 a 1940, tornou-se o maior da região, passou a atrair pessoas de outras localidades e estados, onde tinha a fogueira junina, feirantes de vários lugares, principalmente, do Crato-CE. (ROCHA, 2017).



Figura 5. Na foto a primeira imagem de São João Batista.  
Fonte: Arquivo pessoal de Honorato Lima.

Para os que vivenciaram essa festa nos anos 1940 ou aqueles que ouviram de seus antepassados, era um festejo muito participativo e animado com fogueira, leilão, e uma grande quantidade de pessoas, que vinham de diversas localidades vizinhas, como Monsenhor Hipólito, São Julião, Fronteiras, tais cidades eram povoadas, e de outros estados, como, por exemplo, feirantes do Crato-CE, que permaneciam com suas barracas, desde o início das festividades, iniciando no dia 15 junho e seguindo até o dia 24 do mesmo mês. A novena



celebrada durante nove noites, a fogueira queimava durante todo o festejo, além de fazer parte da tradição junina, a fogueira servia para iluminar o espaço onde ocorria o evento religioso.

Em 1945, com o crescimento do povoado vizinho de Alagoinha, os moradores do mesmo decidiram construir uma capela, com a ajuda de moradores de outras localidades, com o termino da construção, era hora de escolher o padroeiro do povoado de Alagoinha, como o festejo de São João em Areia Branca nessa época, já era notório, decidiram que seria São João Batista.

A primeira novena celebrada dentro da capela de São João Batista foi em 1946. A imagem foi levada em procissão, do Povoado de Areia Branca até o povoado de Alagoinha, a imagem permaneceu lá por algum tempo, logo depois uma nova imagem foi comprada, a antiga voltou para Areia Branca, mas o festejo só foi realizado por mais dois anos no povoado Areia Branca, e logo foi desativado em 1947. Com isso o festejo passou a ser celebrado em Alagoinha e não mais em Areia Branca.



Figura 6. Primeira fachada da Igreja de São João Batista.  
Fonte: Arquivo pessoal de Aláide Claudina de Carvalho Rego.

Abaixo está um trecho do Jubileu dos 70 anos da construção da capela de São João Batista, Alagoinha do Piauí:

Há dois mil anos sua voz brandou  
Preparando a vinda do salvador,  
Em Areia Branca o grito ecoou,  
Alagoinha o Jordão nos congregou  
Mil novecentos e quarenta e seis  
Pisando ainda em pedra e torrões

Celebraram pela primeira vez  
Dentro da capela de São João  
(ROCHA, Fidélia. 2016)

De acordo com o relato oral de Maria Assunção da Rocha (2017), com a morte de Izabel Margarida, a imagem passou para as gerações futuras, Abel Pereira de Brito, filho de dona Izabel, ficou com a imagem até 1994, depois passou para as mãos de sua filha Rosa. Atualmente a imagem está na Igreja de São Miguel, em Serra de Dentro, localidade que fica situada no município de Alagoinha do Piauí, onde o senhor Abel Pereira de Brito, passou a residir quando saiu de Areia Branca, em busca de terras mais produtivas para a plantação.

A partir da análise dos depoimentos citados, percebe-se que nessa época, na década de 1930, as novenas, como são conhecidas, tinha um sentido de devoção ao santo festejado, no entanto, é possível notar a presença da economia, que circulava nesses eventos, por meios desses feirantes que, segundo os depoentes ficavam todo o período festivo. Após a década de 1940, as danças se tornaram a maior forma de expressão da fé, além de ser uma forma de diversão.

Também citam os depoentes o período das farinhadas como interação social. Os trabalhadores das casas de farinha se reuniam em um único local, denominado “Aviamento”. Importante dizer que cada núcleo familiar tinha seu próprio Aviamento.

Dessa forma a região era repleta de casas de farinha; algumas bem próximas para que houvesse uma maior concentração de pessoas. As pessoas, durante as noites, reuniam-se em uma dessas casas de farinha, onde à noite acontecia às diversões, danças e, também, praticar a sua fé.

Ainda, de acordo com relatos de Maria Assunção da Rocha, a principal dança era a “Sarunda”, realizada em pares, em forma de roda. Os dançantes cantavam ao mesmo tempo versos e rimas. Havia também o forró acompanhado ao som do violão, sanfona e cavaquinho. (ROCHA, 2017).

O São Gonçalo era outra dança religiosa, na qual, muitos dançavam para pagar promessas, era desenvolvida em torno da imagem de São Gonçalo. As “Alvissas” eram rezas populares, realizadas aos sábados e tinha como cantiga: “minhas alvissas minha mãe Maria Santíssima, que vosso Bento filho, nasceu em Belém, tão real, e tão perfeito, assim como está no reino do céu”(ROCHA, 2017)

Enquanto cantavam os versos, faziam seus pedidos em silêncio, acreditavam que quando o galo desse seu primeiro canto os pedidos seriam alcançados. A dança do beija chão era outro costume da época, realizado como um ritual da Semana Santa. O natal era celebrado

debaixo de uma figueira, no terreiro do senhor Arsênio e Libânia, momento muito importante para os católicos, pois festejava o nascimento de Cristo. Nas animações, segundo a depoente, Maria Assunção da Rocha, era realizadas dramatizações, sobre passagens bíblicas.

Essas crenças, danças, novenas, permaneceram até o ano de 1980, quando difundiu uma nova forma de celebrar a fé. A partir dessa década, principalmente pela influência da Teologia da Libertação, iniciou-se as CEBs(Comunidades Eclesiais de Base), um novo jeito de celebrar o catolicismo.

#### **2.4 Areia Branca nos anos 1980**

Segundo os depoentes Pedro Arsênio de Brito (2017), e Maria Assunção da Rocha (2017), a partir dos anos de 1980 ocorreram algumas transformações, principalmente nas práticas e costumes da população. A “cacimba velha” continuou como ponto de referência, mas ao seu redor foram construídos outros espaços de socialização, como: bares, comércios, açougue, No final da década de 1970, foi construído o primeiro colégio em Areia Branca.

Com isso, veio a substituir a educação desenvolvida por leigos (professores sem formação) aulas essas que, era dada em casa da própria família, custeada pelos pais e familiares. Aqueles que se destacavam nos estudos e possuíam certo poder aquisitivo, davam continuidade deslocando para a cidade de Picos ou Pio-IX Muitos deles passavam a residir nesses municípios até concluir os estudos. Outro dado importante é que apesar da construção da Unidade Escolar Caetano Abel de Carvalho, a mesma ofertava apenas o ensino primário básico de 1ª a 4ª série. Mesmo assim era um dos poucos colégios construídos na região, e por muitos anos recebeu estudantes das localidades vizinhas.



Figura 7. Na foto a construção do colégio de Areia Branca, 1977.  
Fonte: Arquivo pessoal de Alaíde Claudina de Carvalho Rego.

Em meados de 1980, a localidade mudou de costumes, isto é, as novenas que eram celebradas em homenagem aos Santos diminuíram, além disso, passaram a não ser mais celebradas nas casas, e sim no colégio ou em baixo de uma grande árvore chamada de figueira.

Quando começou a ser difundida a teoria da libertação e a Comunidade Eclesial de Base, CEBS (Movimento da Igreja Católica), a comunidade passou a participar da vida social. Um grupo da Igreja iniciou a fundação de pastorais, como a pastoral da juventude, a campanha da fraternidade, que se tornou um grande evento, o natal e a dramatização ganharam mais espaço, como também o uso da Bíblia.

No começo, as pessoas mais envolvidas nesses movimentos, foram bastante criticadas, principalmente pela nova forma de praticar a Fé, algum não se desapegava das tradições antigas, e viam essas ações, mais política que religiosa, já que esses movimentos, e encontros discutiam muito sobre os problemas da sociedade, e os novos desafios da mesma.

O grande impulso para o desenvolvimento e aceitação, foi a chegada de Padres de outros países como Padre Gaúcho Hermeto Mengarda, e o Italiano padre Giuseppe Hillica, como também a freira Indiana Maria Edamala, O novo jeito de ser Igreja, com pastorais, inserção de jovens, engajamento social, passava a ser aceito cada vez mais, e nesse período as pessoas eram incentivadas a participar das lutas sindicais, e os mais participativos eram

enviados ao estado da Bahia para estudarem em um colégio de formação, do qual participavam de grandes encontros e retornavam, mais preparados, para dar continuidade, aos trabalhos e lutas sociais.



Figura 8. Unidade Escolar Caetano Abel de Carvalho, 200.  
Fonte: Arquivo pessoal de Edine Edite de Brito.

Nesse local, Unidade Escolar Caetano Abel de Carvalho, aconteciam reuniões sindicais, as missas, e encontros de pastorais da Igreja. Areia Branca apesar da tradição muito antiga de celebrar a Fé, só construiu seu primeiro templo em meados dos anos de 1980.

Entre essa grande mudança, que podemos perceber nas formas de praticar a fé católica, e sua grande participação no meio social. Areia Branca, ao mesmo tempo passa por outra transformação, no ano de 1987 celebra o primeiro culto protestante de sua história no colégio da localidade, um jovem que nasceu e cresceu na comunidade, saiu para estudar em outro estado, se torna seminarista, depois pastor e traz essa nova religião para aquele povoado, onde consegue muitos adeptos. Nos depoimentos, não foi relatado, se as transformações, que a igreja católica estava passando, nesse mesmo período, foi um motivo para a fundação e crescimento do protestantismo. No entanto, fica a se pensar, o fato desses movimentos terem ocorridos nos mesmos períodos, e principalmente, os detalhes do quais ambos tiveram grande força.





Figura 9. Primeiro culto protestante realizado em Areia Branca, 1987.  
Fonte: Pastor Antônio Manoel de Sousa.

Na foto acima (figura 9) o pastor Antônio Manoel de Sousa, cantando um hino, em julho de 1987, no colégio de Areia Branca, no primeiro culto protestante, Nessa época ainda era seminarista, presbiteriano, depois da semente plantada, surgiu muito outras Igrejas, como Assembléia de Deus, Presbiteriana Renovada, Batista Nacional.

Atualmente o Pastor reside na cidade de Vilhena, no estado de Rondônia, assume o cargo de Secretário de Administração, da Prefeitura Municipal daquele município, onde também atuou como vereador.

Outro espaço de sociabilidade, bem destacado, era o chafariz, um poço artesiano, que fornecia água para o consumo, as pessoas ali se agrupavam e conversavam entre si. No local do chafariz foi erguida no ano de 1998, uma lavanderia publica, para as pessoas lavarem roupas, que continuou como um espaço de convivência, mas nessa época de 1990 Areia Branca já estava bem desabitada, porém esse local recebia pessoas de todas as localidades, nos finais de semanas.



Figura 10. No Chafariz de Areia Branca, 1980.

Fonte: Alaíde Claudina de Carvalho Rego.

Na imagem acima (figura 10), pode ser visto que esse local realmente era muito freqüentado, há muitas pessoas concentradas, tanto adultas como crianças, e objetos para colher a água, mas analisando a foto e percebível que as pessoas estão agrupadas, como se fosse a posar para a foto, talvez, pela novidade que era a fotografia na época dos anos de 1980.

### 3. AREIA BRANCA E SEU PROCESSO DE DESPOVOAMENTO DE 1960 A 2000

“Tudo partiu daqui. Nada ficou aqui”. (ROCHA, 2017).

O processo de despovoamento da localidade Areia Branca, foi lento e passou por fases, desde 1900 começaram a sair da localidade, indo para o local onde fica a sede do município de Alagoinha, começando o erguimento de suas primeiras casas, entre seus pioneiros estavam João Gabriel de Brito, jovem morador de Areia Branca, que ao se casar vai para Alagoinha, construindo sua casa bem perto de uma Lagoa, especificamente onde hoje fica o hospital da cidade, a Unidade Básica de Saúde, Salomão Caetano de Carvalho. Em 1930 inúmeras famílias vão para o estado do maranhão, já nas décadas de 1960 os moradores de Areia Branca, deslocam para serras, para farinhadas, nas décadas de 1990 e 2000, começam a fixar moradia em Serra Velha, época de maior migração

Em 1900, os colonos [...] iniciaram os primeiros trabalhos de erguimento da vila Alagoinha, cujo nome foi dado ao lugar pelo fato de existir bem próximo dali uma lagoa. Em 1930, a partir de um plano formado pelos senhores Sérgio Fialho,

Armínio Fialho, Manoel Policarpo, Mariano Policarpo, João Gabriel de Brito e Antônio Cipriano de Brito, depois de edificadas as primeiras casas, inicia-se a construção do mercado público. (RESUMO HISTÓRICO DO ATUAL MUNICÍPIO DE ALAGOINHA DO PIAUÍ. 1998 p. 4). (ROCHA, Lucimar, 2014, p. 35)

Como é visto na citação acima, na monografia da professora Lucimar Rocha, é destacado, o processo de formação do povoado Alagoinha, e os primeiros contribuidores para, o erguimento das primeiras obras que deu impulso, ao desenvolvimento daquele povoado.

Constando o nome do senhor João Gabriel de Brito, como uns dos contribuintes. Nessa mesma época, outras famílias da localidade, começam explorar as serras, local fértil para plantação, de mandioca e feijão. Como já foram relatadas no início do trabalho, famílias se deslocavam para as serra no período da plantação da mandioca e seu cultivo, isso ocorria desde 1900, mas só de 1960 até 2000 que houve o maior número de migração, pois essas famílias passaram a fixar moradias nesses locais.

Entre essas novas localidades, que mais foram habitadas, foi serra de Dentro, Serra do Jatobá, Serrinha dos Fernandes, Morro lagoa, Alagoinha, Serra Velha, que hoje é um povoado muito habitado, onde a maioria de seus moradores são antigos moradores de Areia Branca, ou descendentes. Foi a partir desses eventos que houve o despovoamento de Areia Branca, um longo processo, que iniciou desde 1900 quando os primeiros saíram da localidade.

### **3.1 O motivo do despovoamento**

Segundo depoentes, Pedro Arsênio de Brito, (2017), e Maria Assunção da Rocha (2017), apesar da localidade Areia Branca ser muito rica em água, suas terras não eram propícias a alguns produtos, como a mandioca. O outro motivo foi o crescimento da população na década de 1960.

Como essas novas localidades: Serra Velha, Morro Lagoa, Serra de Dentro, Serrinha dos Fernandes, Serra do Jatobá e Alagoinha na época, ainda povoado, foram crescendo e se desenvolvendo com a migração principalmente para serra velha. Com isso construindo mercados, comércios, principalmente em, Serra Velha e Alagoinha, assim foram se tornando imãs, e atraídos pessoas para as mesmas, de 1960 a 2000, Areia Branca foi ficando vazia.

Outro ponto a ser questionado, é que, as autoridades, não investiram em Areia Branca, com obras públicas, apesar de a localidade ter muitas pessoas envolvidas no meio político.



### 3.2 Emancipação política de Alagoinha do Piauí

Com o grande crescimento do povoado de Alagoinha, apartir da construção do mercado público, a capela de São João Batista, e sua região circo vizinho, onde nela estava incluído o povoado de Areia Branca, ainda com uma população significativa de habitantes e eleitores, no ano de 1980 inicia as lutas pela independência do distrito, de Alagoinha que até então pertencia ao município de Pio-IX.

Sendo assim os líderes do mesmo povoado citado, começam a se organizarem em busca de sua autonomia política administrativa. Caetano Abel de Carvalho representante político de Areia Branca e Alagoinha, na época delegada e vereador pela câmara legislativa de Pio-IX, em união com o deputado estadual Ildefonso Dias, ganham forças para a emancipação política de Alagoinha.

Com a idade avançada, Caetano Abel sede a vaga pra seu único filho homem, Salomão Caetano de Carvalho, que em 1982 se elege vereador de Pio-IX, pelo partido (PSD), assim o vereador se envolve com bastante fervor na luta da autonomia política de Alagoinha, da qual em 9 de Abril de 1986 se torna município.

Mas segundo a depoente Fidélia Rocha, há um impasse, em relação ao nome do novo município, sendo preciso um plebiscito, para que possa ser escolhido pelo povo o nome da cidade. Salomão Caetano que viria a ser o primeiro prefeito da Cidade defendia junto a uma grande parte da população que, a nova cidade permanecesse com o nome antigo do povoado Alagoinha, mas a oposição á Salomão, o senhor José Enéas de Sousa Policarpo, indica o nome de (Marianópolis), em homenagem ao bisavó, do mesmo, homenageado assim a família policarpo.

**TABELA 2.** Resultado do plebiscito para emancipação política de Alagoinha

Sim	1.845
Não	76
Branco	25
Nulos	95
Total	2.041

Fonte: (ROCHA, L, 2014, p. 63)

Na análise do resultado final do plebiscito para emancipação política de Alagoinha, é bem visível que a vontade da autonomia política, foi bem aceita pela população. Mas também, devem ser analisados, os fatos que levaram a esse resultado.

Segundo o depoimento da professora Fidélia Rocha, e o que foi analisado, Areia Branca, teria de certa forma contribuído para o resultado da votação, pois a comunidade era

dividida em dois grupos políticos, de Salomão Caetano, Adão Das Chagas Brito, ambos representantes da localidade de Areia Branca, mas vale ressaltar que no plebiscito para emancipação, os dois políticos se uniram, para obter uma votação favorável a autonomia. E segundo a depoente, Areia Branca possuía uma quantidade significativa de eleitores, o que teria influenciado além, do grande desejo da população de Alagoinhapela emancipação.

Ainda, segundo a professora Fidélia Rocha, havia um representante político do povoado Alagoinha, o senhor José Enéas de Sousa Policarpo, que mantinha fortes ligações com Pio-IX, e que teria tido participação no movimento para a autonomia política.

Mas vamos fazer uma análise das informações, nos parece que houve um grande interesse por parte dos políticos de Areia Branca, para a luta pela autonomia de Pio-IX, tanto que políticos se uniram. Com a autonomia política de Alagoinha, Salomão e Adão das Chagas, torna-se mais forte, já que representavam uma grande região, e mantinha influência sobre tais eleitores.

Fato esse que foi concretizado em 1987, Salomão é eleito o primeiro prefeito de Alagoinha, derrotando seu aliado pela emancipação, mas opositor na política partidária, Adão das Chagas.

Outro ponto importante de ser analisado, José Enéas de Sousa e Adão das Chagas Brito, pertencia a mesma sigla partidária, mas foram candidatos a prefeito pelo o mesmo partido, já que na época isso era possível. Mas saem derrotados nas urnas. Em relação, a busca de poder envolvida, isso se consolidou, depois de um ano como prefeito, Salomão Caetano, ganha mais poder e grandes ligações no poder estadual.

Em 15 de Novembro de 1986, ocorre a eleição, elegendo Salomão Caetano de Carvalho, o primeiro prefeito da cidade, derrotando, Adão das chagas Brito e José Enéas de Sousa Policarpo.

**Audiência do Prefeito Salomão Caetano com o Governador do Piauí, Alberto Silva, 20 Setembro 1987.**

Para tanto, tem procurando o apoio dos políticos ligados ao município e o próprio Governador do estado, no sentido de liberar recursos para dar andamento ao seu plano de trabalho, considerando um dos mais ousados e que em muito vai beneficiar a população de Alagoinha do Piauí.

Esforço e trabalho não faltam ao prefeito e sua equipe de auxiliares. Um programa de atuação governamental, elaborando no início da gestão está sendo cumprindo a risca. As dificuldades financeiras são muitas, mas os resultados do esforço são sentidos em todo o município, tanto na sede como na área rural, onde o prefeito dedica total atenção para a população.

Assim, com muito trabalho e ajuda da população, o prefeito Salomão Caetano vai realizando um trabalho estrutural que colocara muito em breve Alagoinha do Piauí, entre um dos grandes e progressistas municípios do Estado.

GOVERNADOR CRIA MUNICÍPIO DE ALAGOINHA.

Lei N. 4.042, de 09 de abril de 1986. Cria o município de “ALAGOINHA DO PIAUÍ” e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO PIAUÍ.

Faço saber que o poder legislativo Decreta e se eu sanciono a seguinte Lei:

10-Fica criado o município de “ALAGOINHA DO PIAUÍ”, com sede no atual povoado de “ALAGOINHA” que por esta lei, se eleva a categoria de cidade

(Fonte: Jornal *o dia de Teresina*, 20 de Setembro de 1987. p.2)

Analisando a fonte acima, o prefeito recém-eleito de Alagoinha do Piauí, Salomão Caetano de Carvalho, com o então governador do estado Alberto Silva, fazendo leitura do documento em estudo, pode-se perceber a forma como o recém-prefeito é citado na reportagem, por meio de palavras de exaltação ao prefeito, como: “Esforço e Trabalho não faltam ao prefeito”.

#### **4 OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DE AREIA BRANCA E SUAS MEMÓRIAS**

No primeiro capítulo, discutimos a formação da localidade de Areia Branca, localizada no município de Alagoinha do Piauí. Conhecemos um pouco de sua história, que teve seus começos no final do século XVIII. Apontamos as primeiras famílias a chegarem ao local, como também suas práticas cotidianas.

No segundo capítulo, discutimos com mais ênfase o processo de despovoamento de Areia Branca, principalmente nas décadas de 1960 a 200, fazendo destaque também para, os motivos que levaram ao acontecimento desses fatos e atitudes, dando importância para, a participação militante da localidade, em relação ao processo de emancipação política de Alagoinha do Piauí.

Nesse terceiro capítulo, discutiremos as representações da memória de seus antigos moradores, em relação aos espaços de vivência social e suas práticas rotineiras. E também analisaremos o significado que esses locais passaram a ter, com o passar do tempo, para seus antigos moradores.

Para a produção desse novo capítulo, foram utilizados depoimentos orais de antigos moradores da localidade e de poucos que ali ainda vivem. Entrevistamos os moradores José Justino de Brito<sup>1</sup> (2017), Pedro Arsênio de Brito<sup>2</sup> (2017), Maria Assunção da Rocha<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>José Justino de Brito é um antigo morador da localidade de Areia Branca, atualmente é trabalhador rural aposentado e tem 92 anos de idade.

<sup>2</sup>Pedro Arsênio de Brito outro antigo morador da referida localidade, ex-sindicalista e político, atualmente aposentado.

<sup>3</sup>Maria Assunção da Rocha reside até hoje na localidade em estudo, poetisa, ex-sindicalista e líder comunitária.

(2017), e Maria Fidélia da Rocha Brito<sup>4</sup> (2017). Também utilizamos como fontes, fotos desses locais de sociabilidade, quando esses eram frequentados com esse sentido. E, para melhor compreensão e entendimento, foi oportuno usar fotos recentes desses espaços, e destacar quais mudanças ocorreram nesses locais e seus usos.

#### 4.1 A Cacimba Velha: trabalho e lazer

##### **Cacimba Velha - Areia Branca –Piauí**

Aos sábados dia de descer para “rebeira” para lavar roupas e tomar banho. Recordação viva descrita assim: Era a trouxa de roupas, o sabão de potássio, as pedras de lajeiros, as mulheres de cócoras ensaboado e batendo as roupas, as crianças ali pelo meio e o objeto de trabalho e de lazer que era a lata de tirar água da cacimba velha. Eu tinha vontade de ter um litro de flandre pra tirar água das cacimbas, mas a minha mãe não tinha, ela pegava emprestado de alguém e a gente tinha que ter todo cuidado para tirar água sem amassar a lata. Minha mãe nos levava pra ajudar ela lavar, estender e colher as roupas. Até aí tudo bem. Chato era depois de fazer o trabalho ter que tomar banho ao ar livre, e pior, com pessoas passando toda hora. Que vergonha eu sentia. Bom era ir pra casa das tias e dos tios na hora do almoço. Meu Deus como era saboroso aquelas comidas! Tinha pirão de miúdos de cabras e bodes. Tinha quem fazia chouriço. Caldos de galinhas caipiras. Meu Deus!

de leite, os de ovos, os araçás do tio Otaviano. E quem não se lembra da frondosa figueira de vó Libânia. Aquela enorme árvore verde no meio do areal e muitas vezes tia Libânia (como era chamada minha avó) descrevia sua história de vida cantarolando sua dor embaixo daquela figueira. A tarde a figueira se enchia de pessoas à sua sombra e de meninos e meninas trepados em seus galhos. Corríamos naquelas areias brancas numa inocência sadia. Íamos subir nos lajeiros de tia Tonha Peixe, Meu sábado era então uma dualidade: Trabalho e lazer. Há coisas que se perpetuam em nossa memória e Areia Branca é uma parte da minha história também. Foi assim que cresci e vivi um pouco da minha vida. (SOUSA, 2018).

Ao analisarmos o relato acima de Edileusa Conceição de Carvalho Sousa<sup>5</sup>, percebemos uma riqueza de detalhes, de algumas das práticas da localidade de Areia Branca na década de 1970, como por exemplo, a “lata de ferro”, objeto usado para colher a água, o “sabão de potássio”, usado para lavar as roupas, “as pedras de lajeiros” também utilizados na lavagem das mesmas. Estas pedras substituíam as pias atuais.

“Aos sábados dia de descer para “rebeira”, para lavar roupas e tomar banho”. O termo “rebeira” referia-se ao povoado Areia Branca e, era chamado por aquelas pessoas que moravam nas localidades vizinhas, mas mantinham casa ou familiares em Areia Branca, onde se instalavam no final de semana.

---

<sup>2</sup>Maria Fidélia da Rocha Brito é professora aposentada da rede estadual e municipal de educação, poetisa, escritora e líder comunitária.

<sup>2</sup>Edileusa Conceição de Carvalho Sousa é uma antiga moradora da localidade de Areia Branca. Ela é Bacharel em Direito e, atualmente, atua como professora da rede estadual de ensino da cidade de Vilhena, no estado de Rondônia

Essa maior frequência do povoado Areia Branca, nos finais de semana, foi comentada no relato oral de Maria Assunção da Rocha (2017). “Eles moravam nas Serras, mas lá não tinha água, poço, cisterna, mas abastecia da água de Areia Branca. Final de semana as pessoas tinham o costume de vir para Areia Branca” (ROCHA, 2017)

Função das mulheres era lavar as roupas, já as crianças as acompanhavam para auxiliar na tarefa de por as mesmas no sol, e depois recolherem. Essa divisão de trabalho era geralmente seguida por todos. Os homens faziam o trabalho mais pesado, transportava água da Cacimba através de animais, para o abastecimento da casa e do trabalho na época das farinhadas.

Apesar do trabalho intenso, pode-se observar que havia momentos de lazer, no local chamado Cacimba Velha, espaço este de sociabilidade já sendo destacado no início do presente estudo. “O pior era depois tomar banho ao lar livre, e pessoas passando a toda hora” (SOUSA, 2018).

No decorrer do relato de Edileusa Conceição de Carvalho Sousa ela narra o cotidiano das pessoas da localidade em análise. No final de semana, exemplos visitar os parentes, comidas da época, brincadeira nas areias brancas. É perceptível que para as crianças, os finais de semana em Areia Branca, eram uma divisão entre o trabalho e a diversão.

Abaixo, a partir da imagem do local analisado (figura 12), a Cacimba Velha, é visível, como esse local em análise era significativo para aqueles que, utilizavam esse espaço para diversas atividades rotineiras da população de Areia Branca. Até hoje, as lembranças recorrentes vem com tanta recordação, e riquezas de detalhes, como foi visto na memória de Edileusa Conceição de Carvalho Sousa, em sua publicação.



Figura 11: Escadaria de acesso à Cacimba Velha, na localidade piauiense de Areia Branca, município de Alagoinha, em março de 2016.

Fonte: CARVALHO, 2016.

Na imagem acima (figura 11), a Cacimba Velha já está um pouco diferente do que foi relatada na publicação, A água já não está lá, nem as mulheres lavando roupa, nem mesmo a movimentação de pessoas, isso pode ser explicado ao se falar de uma memória do passado.

Ao analisar a referida imagem é visto que se trata de um local profundo com degraus, por isso o uso da lata para retirar a água. Ao fundo da foto fica uma estrada PI que liga a Cidade de Alagoinha à estrada BR 316 (que está sendo indicada pela seta na imagem).

Ao fundo da foto ficava um pequeno açude, hoje quase invisível por causa da seca, era um local específico para os animais beberem água, “A Cacimba era sempre o ponto de encontro. Uma pequena feira, no período da seca acolhia a todos” (ROCHA, 2017).

Na foto a baixo já se pode ter uma imagem mais ampla do local.



Figura 12: Visão parcial da Comunidade Areia Branca, na atualidade, em 22 de março de 2018.  
Fonte: SOBRINHO, 2018.

Neste ângulo a seta vermelha está indicando o local da Cacimba velha. Dentre as casas presentes na imagem indicadas com as numerações, apenas a indicada pelo número cinco é habitada atualmente, as demais se encontram abandonadas. Já o local onde existia um campo de futebol, não pode ser visto, mas está indicado pela seta de cor amarela.

A imagem ainda deixa a desejar, pois esses espaços foram muito modificados com o tempo, transformado assim o cenário, comércios, bares, açougues, feira e muita movimentação de pessoas.

Os espaços podem se transformar e obter novos sentidos, e chama atenção para a grande importância das memórias que são guardadas pelas pessoas, para a construção da história e que essas mesmas mantenha vivas, a partir das lembranças e recordações do passado, seja pela fonte oral ou por meios de fotografias, que podem nos falar muito sobre os costumes, práticas, fatos, histórias, muitas vezes esquecidas até mesmo pelos que viveram e foram autores dos acontecimentos.





Figura 13: Moradores da Comunidade Areia Branca em frente a duas casas comerciais, daquela localidade, na década de 1980.

Fonte: REGO, 2018.

Na foto acima (figura 13), já se pode ver um cenário completamente diferente das anteriores. Trata-se de uma imagem da década de 1980, de frente a Cacimba Velha, em direção aos dois pontos comerciais que ficava a sua frente. Locais esses que nas fotos mais recentes não existem mais, nem mesmo seus “torrões”. Essa palavra “torrões” é usada pelos nordestinos para citar locais que já foram demolidos.

#### 4.2 Coisas de menina: eu e a figueira

Muito cedo fui retirada do meio do meu povo e da minha parentela. Quando olho esta fotografia eu posso me reencontrar. Sinto a areia fria, ouço a voz da minha avó que cantava o canto triste da sua própria história; vejo muitas crianças a correr, a subir no tronco da figueira e a descer escorregando pelos seus galhos viçosos. Meu avô com seu bastão sentado na rede. A casa era cuidada pela minha tia. Que saudades! Aquela casa de tijolos de barro queimados, sem reboco. Eu sabia que dia de ano à tarde eu estaria lá para dá benção aos avôs, aos tios, comer o doce de leite, correr na areia, esquecer tudo do ano velho, e sonhar com o novo ano. Meus avôs sempre me abençoavam com a frase "Deus te dê fortuna minha filha". No meu mundo lúdico eu pensava na fortuna de ter balas, pirulitos, sabonete lux, um tamanco novo, as roupas para a festa de junho, e as farinhadas... Imagino que muitas pessoas têm histórias boas dessa Figueira. Outros, iguais a mim, certamente, se reencontram nesse cenário. Revêtia Libânia, tio Sena, tia Toinha e A FIGUEIRA, tão viçosano meio da imensidão das AREIAS BRANCA, de Areia Branca. (SOUSA, 2018).



No depoimento acima de Edileusa Conceição de Carvalho Sousa, faz um destaque para outro local de encontros da localidade, se trata de uma árvore muito grande que existia naquela comunidade, onde aconteciam alguns eventos, como as celebrações dominicais, reuniões familiares e também para diversão das crianças, principalmente no primeiro de Janeiro, onde se reunia toda a família e parentes.

No decorrer das palavras contidas na fonte, vem destacando também um pouco do cotidiano, a vivência em família. A tradição de dar a bênção aos avós, as brincadeiras da época, dando destaque a própria figueira e seu uso, a estrutura das casas da época, feita de tijolo queimado sem reboco.

A narrativa de Edileusa Conceição de Carvalho Sousa, também destaca as festas juninas, principalmente em relação aos festejos de São João Batista, que acontecia nessa época, já no povoado de Alagoinha, e a grande expectativa de compra as roupas para as festas.

No início do depoimento de Edileusa Conceição de Carvalho Sousa, é perceptível que se trata de uma estudante, que saiu cedo da localidade para estudar em outra cidade. É que esses acontecimentos ocorriam no período de férias, na casa dos parentes, geralmente em datas significativas da região, como as festas juninas e “dia de ano”. A expressão “dia de ano” refere-se aos primeiros dias de janeiro, dia de dar bênção aos mais velhos e se reunir com a família.

Abaixo será feita uma análise entre duas fotos (figuras 15 e 16) do mesmo local em estudo, a figueira, mas em tempos diferentes, para vermos as modificações ocorridas no período de 20 anos e os novos significados desse mesmo local e o uso de seu espaço.



Figura 14: A Figueira da Comunidade Areia Branca, na década de 1990.  
Fonte: CARVALHO, 2016.

Nessa imagem acima (figura 14), dos anos de 1990, podemos ver a figueira relatada no depoimento ainda em preservação. Na foto se trata de familiares visitando a localidade de Areia Branca, na casa de tios, parentes e amigos. Costumes de conterrâneos que moravam longe, mas que em períodos de férias visitavam a localidade.

Na foto está Edileusa Conceição de Carvalho Sousa, a depoente que reside na cidade de Vilhena, no estado de Rondonia, em uma visita a seus parentes e a terra natal, sua irmã Lilia Carvalho, ao seu lado junto com sobrinhos. A foto pode nos revelar muitos fatos, ao observar as roupas, saias longas usadas pelas duas mulheres, a expliação está em razão da religião das mesmas serem protestantes, da Igreja Presbiteriana Renovada.

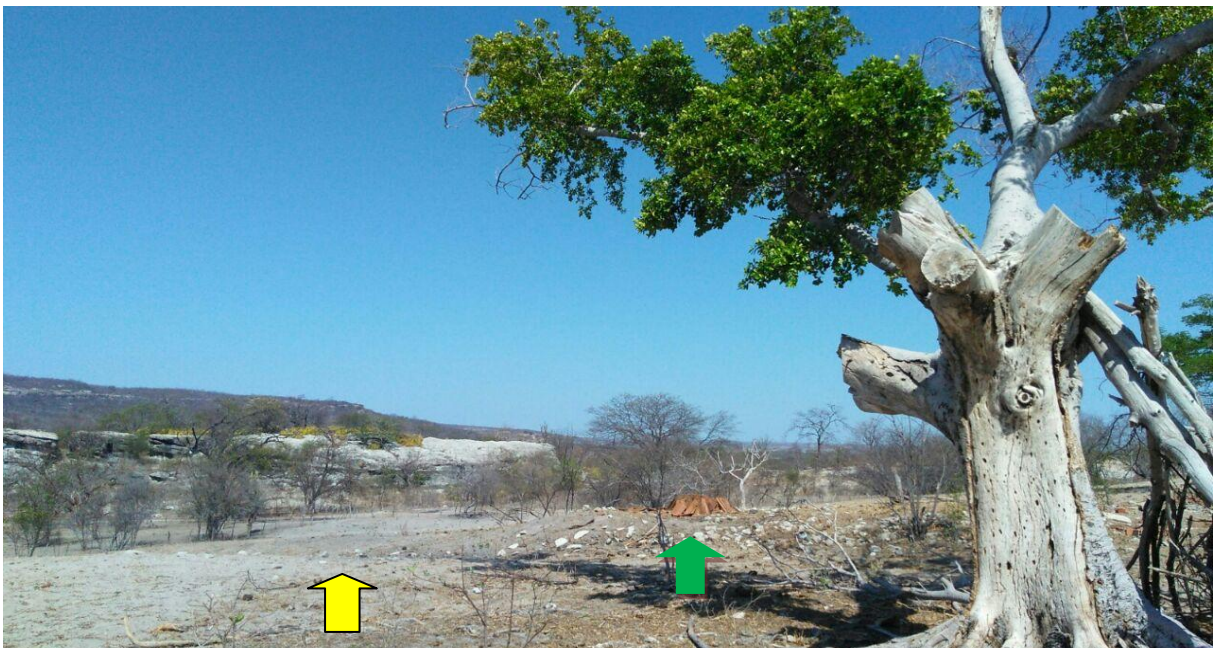


Figura 15: A Figueira da Comunidade Areia Branca, em 2018.  
Fonte: BRITO, 2018.

Nessa foto (figura 15) bem mais recente da foto anterior (figura 14), local de encontros familiares, religiosos, da localidade de Areia Branca, nota-se a grande transformação do espaço, em comparação a foto de 1990. Ao analisar a foto anterior pode-se constatar que o fotógrafo tinha a intenção de registrar a família reunida, percebe-se também a presença de casas. Já na imagem atual notam-se apenas ruínas, a seta de cor amarela está apontada para onde existia a casa de Arsênio Antônio de Brito, avô da depoente. A seta de cor verde está indicando o local onde existia a casa de Chagas Arsênio de Brito, tia da mesma. Percebe-se, no entanto, que hoje o espaço está totalmente transformado, das casas só restou às ruínas, a figueira está quase morta devido à seca severa e a incúria humana.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho em análise teve como proposta o estudo em relação à história da localidade Areia Branca, Alagoinha do Piauí, tratando de alguns aspectos da mesma, como formação, povoamento, despovoamento, cotidiano, práticas sociais e engajamento na luta pela emancipação política do município piauiense de Alagoinha do Piauí.

O objetivo almejado de conhecer um pouco sobre a vivência e história da localidade e seus habitantes, compreenderem os fatores que levaram ao despovoamento da comunidade em algumas décadas de um processo de migração.

Tais indagações puderam ser identificadas em entrevistas há antigos moradores e poucos que ali ainda residem, memórias de conterrâneos, análise de documentos de livros atas de cartórios, paróquia e arquivos pessoais como fotos, monografias que continha fontes sobre o objeto em estudo, consolidando o objetivo esperado com essas informações.

Fazendo ligações com autores como Alcebíades Costa Filho, Raquel Rolnik, Tânia Brandão, Sonia Maria Freitas, especificando práticas econômicas, religiosas e sociais de uma pequena localidade, produzidas no trabalho, que podem levar o interesse há outros pesquisadores, a seguir essa linha de pesquisa, pela classe acadêmica em destaque a essas questões destacadas no trabalho, levando ao mesmo tempo, curiosidade e conhecimento a sociedade local, em se tratar da própria história e costumes do passado que continuam ou reflete no hoje, causando assim a compreensão do presente a partir do passado.

## REFERÊNCIAS

- BRITO, Edine Edite de. **A Figueira da Comunidade Areia Branca, em 2018**. Arquivo pessoal. Alagoinha do Piauí, 2018. 1 foto color.
- BRITO, Edine Edite de. **Cacimba velha de Areia Branca**. Arquivo pessoal. Alagoinha do Piauí, 2018. 1 foto color.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- BRITO, José Justino de. **Depoimento concedido a Honorato Lima**. Serra velha, Alagoinha - PI, 07 de outubro, 2017.
- BRITO, Pedro Arsênio de. **Depoimento concedido a Honorato lima**. Serra velha, Alagoinha – PI, 08 de outubro, 2017.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **Atividades econômicas e sociedade**. In: A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.
- Jornal é o dia de Teresina. **Audiência do Prefeito Salomão Caetano com o Governador do Piauí Alberto Silva**, 20 de Setembro de 1987. p. 2.
- Livro Ata da paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio. **Certidão de casamento religioso realizado em 1910**. Documento concedido pelo Padre Francisco Antônio Feitosa, Pio IX- PI, em 15 de dezembro de 2017.
- ROCHA, Maria Assunção da. **Certificado de casamento civil**, arquivo pessoal concedido a Honorato Vicente de Lima Sobrinho. Areia Branca, Alagoinha-PI, em 20 de março, 2017.
- ROCHA, Júlio Antônio da. **Título de eleitor de Eusébio Antônio de Brito**. Arquivo pessoal concedido a Honorato Vicente de Lima Sobrinho. Areia Branca, Alagoinha-PI, em 20 de março, 2017.
- Livro Ata da paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio. **Certidão de casamento religioso realizado em 1910**. Documento concedido pelo Padre Francisco Antônio Feitosa, Pio IX-PI, em 15 de dezembro de 2017.
- ROCHA, Maria Lucimar da. **“Caminhadas pela cidade”**: Um passeio pelo processo de povoamento, urbanização e emancipação política de Alagoinha do Piauí. 2013. 72f. Monografia (Licenciatura Plena em História) Universidade Federal do Piauí, Picos-PI, 2013.
- ROCHA, Maria Assunção da. **Depoimento concedido a Honorato Lima**. Areia Branca, Alagoinha – PI, 13 de Outubro, 2017. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Areia+Branca,+Alagoinha+do+Piau%C3%AD>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

REGO, Alaíde Claudina de Carvalho. **Moradores da Comunidade Areia Branca em frente a duas casas comerciais, daquela localidade, na década de 1980.** Arquivo pessoal. Alagoinha do Piauí, 2018. 1 foto color.

REGO, Alaíde Claudina de Carvalho. **Primeira fachada da Igreja de São João Batista.** Arquivo pessoal. Alagoinha do Piauí, 2018. 1 foto color.

ROCHA, Maria Assunção da. **Depoimento concedido a Honorato Vicente de Lima Sobrinho.** Alagoinha do Piauí, 11 novembro 2017. 2017.

SOUSA, Antônio Manoel de. **Primeiro culto protestante realizado em Areia Branca, em 1987.** Arquivo pessoal concedido a Honorato Vicente de Lima Sobrinho, em 23 de fevereiro de 2018.

SOBRINHO, Honorato Vicente de Lima. **Visão parcial da Comunidade Areia Branca, na atualidade, em** 22 de março de 2018. Arquivo pessoal. Alagoinha do Piauí, 2018. 1 foto color.

SOUSA, Edileusa Conceição de Carvalho. **A Figueira da Comunidade Areia Branca, na década de 1990.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/EdileusaCarvalho.17/posts/1606750142775268ho>> Acesso em: 26 fev. 2016. 2 fotos color.

SOUSA, Edileusa Conceição de Carvalho. **Cacimba Velha - Areia Branca - Piauí.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/EdileusaCarvalho.17/posts/1088989531218001>> Acesso em: 20 mar. 2018.

SOUSA, Edileusa Conceição de Carvalho. **Cacimba Velha - Areia Branca - Piauí.** [Escadaria de acesso à Cacimba Velha, na cidade piauiense de Areia Branca, em 26 de outubro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/EdileusaCarvalho.17/posts/1088989531218001>> Acesso em: 30 out. 2016. 2 fotos color.

SOUSA, Edileusa Conceição de Carvalho. **Coisas de menina: eu e a figueira.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/EdileusaCarvalho.17/posts/1606750142775268ho>> Acesso em: 26 fev. 2018.





**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Honorato Vicente de Lima Sobrinho,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
vestígios históricos da comunidade Brãia Branca:  
 o processo de zombeação da comunidade de Brãia Branca,  
 e sua contribuição para a emancipação política  
 da cidade de Baganha do Piauí, no período dos séculos 1940 a 2000  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 26 de Novembro de 2018.

Honorato Vicente de Lima Sobrinho  
 Assinatura

Honorato Vicente de Lima Sobrinho  
 Assinatura